



JOURNAL OF HEALTH CONNECTIONS | VOL. 1 NUM. 1., 2017.

CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM SOBRE AS ESCALAS DE AVALIAÇÃO DA DOR EM PEDIATRIA

NURSING PROFESSIONALS' KNOWLEDGE ABOUT THE PAIN ASSESSMENT SCALES IN PEDIATRICS

¹Ariane Caroline Alves Santos, ²Geyse Carla Santos Melo, ³Marcony Santos Inácio, ⁴Gilmara Carvalho Nascimento, ⁵Míriam Geisa Virgens Menezes, ⁶Amanda Francielle Santos, ⁷Rafaela Ribeiro Machado

¹ Enfermeira pela Faculdade Estácio de Sergipe. E-mail arianne_caroline@hotmail.com; Telefone: (79) 999504665. Endereço: Rua Teixeira de Freitas, 10. Salgado Filho. Cep 49020-530. Aracaju, SE, Brasil.

² Enfermeira pela Faculdade Estácio de Sergipe. Aracaju, SE, Brasil.

³ Enfermeiro pela Faculdade Estácio de Sergipe. Aracaju, SE, Brasil.

⁴ Enfermeira pela Faculdade Estácio de Sergipe. Aracaju, SE, Brasil.

⁵ Enfermeira Especialista em Educação; Urgência e Emergência e Unidade de Terapia Intensiva. Mestra em Enfermagem (UFS), Doutoranda em Ciências Fisiológicas (UFS) e Docente no curso de Enfermagem da Faculdade Estácio de Sergipe.

⁶ Acadêmica do curso de enfermagem - Faculdade Estácio de Sergipe. Aracaju, SE, Brasil.

⁷ Acadêmica do curso de enfermagem - Faculdade Estácio de Sergipe. Aracaju, SE, Brasil.

Recebido em 06/05/2017. Aprovado em 30/07/2017

RESUMO

A dor em pediatria é um fenômeno complexo, o que exige do profissional responsável por seu tratamento elevado conhecimento sobre o seu manejo. Objetivo: Avaliar o conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre as escalas de avaliação da dor em crianças hospitalizadas. Material e Método: Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem quantitativa. O estudo foi desenvolvido no internamento pediátrico do Hospital de Urgência de Sergipe, no município de Aracaju Sergipe no período de setembro a outubro de 2016. A amostra foi probabilística, consecutiva por conveniência. A coleta de dados foi realizada pelos pesquisadores através de entrevista semiestruturada com a equipe de enfermagem. Resultados: Participaram do estudo 43 profissionais de enfermagem. Os dados demonstram que 65,1% dos profissionais avaliam diariamente o quinto sinal vital das crianças, 41,9% dizem utilizar o choro para avaliar a intensidade da dor, 100% afirmam registrar a dor no prontuário embora não utilizam métodos validados para mensurá-la. Conclusão: Os resultados demonstram que os profissionais não possuem conhecimento suficiente sobre as escalas de avaliação de dor em pediatria.

Descritores: Pediatria. Dor. Manejo da dor. Percepção da dor. Enfermagem.

ABSTRACT

Pain in Pediatrics is a complex phenomenon, which demands a high level knowledge about his management from the professional in charge of its treatment. Aim: This work aims to evaluate the nursing professionals' knowledge about the pain assessment scales in hospitalized children. Materials and Methods: This is a descriptive and exploratory study, with a quantitative approach. It was developed at the pediatric wing of the Hospital de Urgência de Sergipe, in Aracaju, Sergipe, between September and October of 2016. It was a probabilistic sample, consecutive for convenience. The data were collected by the researchers through a semi structured interview with the nursing staff. The data reveal that 65,1% of the professionals evaluate the children's fifth vital sign daily, 41,9% say they use the crying to evaluate the pain intensity and 100% affirm that they register the pain in the medical chart, although they don't use any verified methods to measure it. Conclusion: The results show that the professionals don't have enough knowledge about pain assessment scales in Pediatrics.

Keywords: Pediatrics. Pain. Pain management. Pain Perception. Nursing.

INTRODUÇÃO

O acontecimento da dor desde os primórdios segue a história da humanidade e da própria medicina. A preocupação em compreender, tratar e controlar o doloroso de forma eficaz é muito antigo. Com o passar do tempo, a evolução do conhecimento trouxe teorias que se propuseram encontrar respostas para dor e, a partir de 1970, as pesquisas sobre dor ganharam destaque com a criação da *International Association for the Study of Pain* (IASP) (LEÃO; AQUARONE; ROTHER, 2013). E, por conseguinte, trouxe um novo direcionamento para o estudo da dor no mundo.

A Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor (SBED) tem buscado a aproximação dos profissionais de saúde interessados no estudo e tratamento da dor, com destaque a incorporação da mesma como 5º sinal vital. A SBED preconiza o estabelecimento de uma avaliação regular e sistematizada da dor no ambiente hospitalar (LEÃO; AQUARONE; ROTHER, 2013). Assim, faz-se necessário um melhor preparo do profissional de saúde para o cuidado prestado a pacientes com dor, para que haja uma adequada avaliação da dor, registro apropriado e melhores resultados quanto ao manejo desta, o que possibilita interligar conhecimento e ação (ALVES et al., 2011).

A dor nas crianças é um fenômeno complexo e multidimensional exigindo do profissional de saúde a compreensão adequada dos aspectos biológicos, comportamentais, afetivos, cognitivos e culturais da dor, e também dos instrumentos mais adequados para mensurá-la de acordo com a idade e a etapa do desenvolvimento da criança, bem como o conhecimento das intervenções potencialmente mais eficazes para cada situação (PONTES, 2014).

É de suma importância que os profissionais de saúde que atendem à população pediátrica saibam identificar os melhores métodos de avaliação de dor na criança, de acordo com sua idade e conheçam as estratégias atualmente preconizadas para o manejo da dor nesses pacientes (LEMOS, 2010). É necessário avaliar a dor no ambiente clínico com o objetivo de estabelecer adequadamente o tratamento ou conduta terapêutica. A eficácia do tratamento e o seu seguimento dependem de uma avaliação e mensuração confiável e válida. Enfermeiros devem ter competências e habilidades para avaliar a dor, implementar estratégias de alívio

da mesma e monitorar a eficácia dessas intervenções no ambiente hospitalar (BOTTEGA; FONTANA, 2010).

A permanência de pacientes internados com dor é um dado preocupante, que merece mudança de postura da equipe de saúde, tendo em vista que o controle adequado do fenômeno doloroso é um direito do paciente na qual deve ser assegurado, com o objetivo de evitar efeitos agravantes no quadro clínico, decorrente do processo algico (RIBEIRO et al., 2012).

Algumas instituições de saúde têm implantado, em sua rotina de trabalho diário, a avaliação da dor como o 5º sinal vital visando estimular a melhora da assistência no alívio da dor e evitar que a sua avaliação seja feita de forma inapropriada pelos profissionais que compõem a equipe de saúde (OLIVEIRA et al., 2013).

A padronização da avaliação da dor como quinto sinal vital e o seu tratamento adequado somente serão alcançados com pesquisas, capacitação e sensibilização dos profissionais envolvidos, na participação ativa do cuidado a criança acometida pela dor. Com esforço conjunto da equipe multiprofissional, será possível desenvolver protocolos para a avaliação e manejo da dor, e esses instrumentos facilitarão a tomada de decisões para o alívio da dor na criança em todas as faixas etárias (LEMOS, 2010).

O manejo adequado da dor é fundamental para recuperação adequada da criança com vistas a um atendimento humanizado. Várias estratégias para avaliação da dor podem ser utilizadas, sendo que cada modo de avaliação fornece informações qualitativas e quantitativas a respeito da dor. Não existe um instrumento padrão que permita ao enfermeiro mensurar essa experiência complexa e pessoal, porém estão disponíveis algumas escalas que permitem avaliá-la, complementando o processo de análise semiológica do enfermeiro relativo a esta experiência (BOTTEGA; FONTANA, 2010).

A pesquisa justifica-se pela elevada prevalência de manejo inadequado da dor infantil presente nas unidades hospitalares, que pode estar relacionado ao despreparo dos profissionais para uma assistência adequada à dor pediátrica. Acredita-se que esse estudo possa contribuir para sensibilizar os profissionais da saúde quanto à importância do controle da dor em crianças através da avaliação correta e possa subsidiar a implementação de protocolos para a utilização de

escalas de mensuração da dor, visando um correto alívio da dor em crianças hospitalizadas.

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre as escalas de avaliação da dor em crianças hospitalizadas.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem quantitativa. O estudo foi desenvolvido no internamento pediátrico do Hospital de Urgência de Sergipe (HUSE), situado no município de Aracaju-SE.

A amostra foi probabilística, consecutiva por conveniência. Tendo a casuística constituída por 43 profissionais sendo 14 auxiliares de enfermagem, 21 técnicos de enfermagem e 8 enfermeiros funcionários do setor de pediatria do HUSE.

Os critérios de inclusão da pesquisa foram enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem lotados no setor de pediatria do referido hospital. Foram excluídos os funcionários que estavam de férias, licenças médicas e os que não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com a participação na pesquisa. A coleta de dados ocorreu no período de setembro a outubro de 2016. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe e aprovado sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética 48360115300005546 do Conselho Nacional de Saúde.

O formulário de coleta continha dados sociodemográficos sobre a equipe de enfermagem, dificuldades para avaliar a dor em criança, conhecimento das escalas de avaliação da dor e registros da dor em prontuário. Os dados foram armazenados no programa Excel. Foi realizada estatística descritiva e inferencial, e os resultados foram transformados em tabelas.

RESULTADOS

Participaram do estudo 43 profissionais sendo 14 auxiliares de enfermagem, 21 técnicos de enfermagem e 8 enfermeiros. Os dados analisados demonstraram que houve o predomínio do gênero feminino (95,4%) e 44,2% possuíam entre 10 e 20 anos de profissão (Tabela 1).

Tabela 1- Dados sociodemográficos dos profissionais entrevistados no Hospital de Urgência de Sergipe, Aracaju-SE, 2016.

VARIÁVEIS	n	%
GÊNERO		
Masculino	2	4,6
Feminino	41	95,4
PROFISSÃO		
Aux. de enfermagem	14	32,6
Téc. de enfermagem	21	48,8
Enfermeiro	8	18,6
ANOS DE PROFISSÃO		
0 - 1 ano	1	2,3
1 - 10 anos	13	30,2
10 - 20 anos	19	44,2
Acima de 20 anos	10	23,3
ANOS DE TRABALHO NA PEDIATRIA		
0 - 1 anos	5	11,6
1 - 5 anos	8	18,6
5 - 10 anos	10	23,3
10 - 20 anos	13	30,2
Acima de 20 anos	7	16,3

Dentre os entrevistados 65,1% afirmaram que avaliam diariamente o quinto sinal vital das crianças, 41,9% dizem utilizar o choro para avaliar a intensidade da dor e 51,2% afirmam não sentir dificuldade em avaliar a intensidade da dor. Todos os profissionais afirmaram registrar a dor no prontuário (Tabela 2).

Tabela 2 – Registro e avaliação da intensidade da dor em crianças submetidas a procedimentos cirúrgicos no Hospital de Urgência de Sergipe, Aracaju-SE, 2016.

VARIÁVEIS	n	%
AVALIA DIARIAMENTE O QUINTO SINAL VITAL NAS CRIANÇAS		
Sim	28	65,1
Não	14	32,6
Não respondeu	1	2,3
DIFICULDADE EM AVALIAR A INTENSIDADE DA DOR EM CRIANÇAS		
Sim	19	44,2
Não	22	51,2
Não respondeu	2	4,6
MÉTODO UTILIZADO PARA AVALIAR A INTENSIDADE DA DOR EM CRIANÇAS		
Não respondeu	5	11,6
Escalas de avaliação	1	2,3
Pelo relato verbal de dor	7	16,3
Pelo choro	18	41,9
Pela mudança de comportamento	11	25,6
Através do exame físico	1	2,3
REGISTRO DA DOR NO PRONTUÁRIO		
Sim	43	100
Não	0	0
Não respondeu	0	0
COMO É REALIZADO O REGISTRO		
Apenas dor	1	2,3
Dor e localização	20	46,6

Dor, localização e intensidade	22	51,1
--------------------------------	----	------

Quanto ao conhecimento sobre escalas de avaliação de dor 65,1% dos entrevistados não possuem conhecimento sobre esse método e 46,5% desconhecem a existência de escala específica para avaliação de dor em crianças menores de 3 anos. (Tabela 3).

Tabela 3 – Conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre as escalas de avaliação da dor em pediatria, no Hospital de urgência de Sergipe, em Aracaju-SE, 2016.

VARIÁVEIS	n	%
CONHECIMENTO SOBRE AS ESCALAS DE AVALIAÇÃO DA DOR EM CRIANÇAS		
Sim	15	34,9
Não	28	65,1
ESCALAS ADEQUADAS PARA AVALIAR A DOR EM CRIANÇAS < 3 ANOS		
Não respondeu	16	37,2
Não conheço	20	46,5
Escala de faces	6	14
Não utiliza escalas, evidência por sinais ou questiona a mãe	1	2,3
ESCALAS UTILIZADAS EM CRIANÇAS A PARTIR ou > 4 ANOS		
Não respondeu	13	30,2
Não conheço	23	53,5
Escala de faces, escala numérica e escala de localização de dor	6	14
Não utiliza escalas, evidência por sinais ou questiona a mãe	1	2,3

A maioria dos profissionais de Enfermagem 74,4% relataram que o uso de escalas de avaliação de dor em pediatria facilita a escolha da analgesia, porém quando questionados a respeito da escada analgésica de dor 81,4% dos profissionais não conheciam esse método (Tabela 4).

Tabela 4 – Conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre a escada analgésica da dor, em Hospital de urgência de Sergipe, em Aracaju-SE, 2016.

Conhecimento dos profissionais sobre escalas de dor	n	%
CONHECE A ESCADA ANALGÉSICA DE DOR?		
Sim	8	18,6
Não	35	81,4
Não respondeu	0	0
UTILIDADE		
Avaliar a dor e melhorar a assistência	2	4,6
Não conheço	3	7,1
Não respondeu	38	88,3
PROFISSIONAIS QUE UTILIZAM A ESCALA DE DOR NA AVALIAÇÃO DAS CRIANÇAS		
Sim	0	0
Não	3	6,9
Não respondeu	40	93,1
O USO DE ESCALA DE INTENSIDADE DE DOR FACILITA NA ESCOLHA DA ANALGESIA ADEQUADA		
Sim	32	74,4
Não	8	18,6
Não respondeu	3	7

DISCUSSÃO

Os profissionais de enfermagem envolvidos no cuidado das crianças devem possuir conhecimentos acerca dos métodos que facilitem a identificação e manejo da dor. Esse estudo detectou que boa parte dos profissionais possuem mais de 10 anos de experiência com pediatria, o que garante ao profissional segurança e conforto para elaboração de suas atividades diárias. Uma vez que a experiência profissional pode ser uma ferramenta aplicada pela equipe de enfermagem para auxiliá-la na identificação de desconforto produzido pela dor (SILVA et al., 2013).

Entretanto, 44,2% dos entrevistados afirmaram sentir dificuldade em avaliar a intensidade de dor, estudo semelhante mostrou que 44,6% dos profissionais relatam alguma dificuldade em avaliar a dor (NASCIMENTO, 2016). Os estudos comprovam a dificuldade dos profissionais da saúde em avaliar a dor pediátrica, que pode estar relacionada ao método utilizado para essa avaliação.

O choro é utilizado por 41,9% dos profissionais como critério para avaliar a dor. Em estudo de Caetano et al. (2013) 88% dos profissionais também utilizaram aspectos comportamentais para avaliar a dor. Existe risco na avaliação da dor pela mudança comportamental, pois, ela pode ser resultante de uma situação estressante não necessariamente dolorosa, e também mudança de expressão facial não possibilita mensurar a intensidade de dor (CAETANO et al., 2013).

A utilização de escalas pode ajudar os profissionais de saúde a mensurar a dor, pois fornecem informações concretas, sendo um parâmetro de avaliação seguro, rápido e simples e pode ser usado no controle da dor. As escalas de avaliação da dor infantil facilitam o trabalho dos profissionais de mensurar a dor tornando o processo mais ágil e seguro (GONCALVES et al., 2013).

A avaliação diária do quinto sinal vital é uma ferramenta eficaz para a equipe de enfermagem garantir uma assistência qualificada e humanizada as crianças hospitalizadas. No presente estudo a maioria dos profissionais informou realizar a avaliação do quinto sinal vital diariamente. Porém evidencia que a avaliação da dor não é praticada por todos os profissionais, resultando em dias de assistência inadequada.

O registro minucioso da dor deve ser realizado ressaltando as características específicas da dor, buscando contribuir para o manuseio adequado da assistência

prestada. Todos dos profissionais alegaram registrar diariamente a dor no prontuário e a maioria referiu registrar com a localização e intensidade. No entanto, em pesquisa de Nascimento et al. (2016) quanto o registro de dor, 49,1% dos profissionais afirmaram que realizam sempre, 35,7% na maioria das vezes e 9% raramente. O registro deve ser desempenhado durante toda a internação, incluindo a caracterização do local, da intensidade, da frequência, da duração e da qualidade do sintoma, devendo ser registrada em instrumento adequado (COSTA et al., 2016).

Os dados evidenciam que os enfermeiros não apresentam conhecimento a respeito da indicação dos instrumentos de avaliação da dor de acordo com a idade menor que 03 anos (46,5%). Em estudo de Kanai e Fidelis (2010) 22% dos enfermeiros e 11% dos técnicos de enfermagem conhecem menos que 3 escalas de avaliação da dor. Ambos os estudos, comprovam um déficit de conhecimento acerca de instrumentos de avaliação da dor em crianças. Este fato está relacionado à formação acadêmica, visto que este conteúdo foi incorporado ao currículo recentemente e que muitos cursos não abordam a temática (MONFRIM. et al., 2015).

A avaliação de dor realizada sem instrumentos padronizados dificulta o manejo adequado e estimula o tratamento ineficaz desse sintoma. A falta de conhecimento dos profissionais de enfermagem quanto às escalas de avaliação da dor infantil apresentada nesse estudo e o não registro dela por parte de alguns profissionais implica na qualidade da assistência prestada a criança hospitalizada.

CONCLUSÃO

A maioria dos profissionais da equipe de enfermagem avalia diariamente o quinto sinal vital nas crianças, sendo que o método mais utilizado para verificar a intensidade é através do choro, porém mesmo todos afirmando registrar a dor no prontuário, boa parte deles relatam ter dificuldade de avaliar a intensidade dolorosa.

O baixo conhecimento da equipe de enfermagem acerca da utilização de escalas para a avaliação da dor na criança pode estar relacionado a forma superficial em que o tema é abordado durante a formação profissional, associado ao desinteresse por parte de alguns profissionais em realizar cursos de atualização profissional.

Mostra-se necessário a elaboração de atividades de educação continuada visando capacitar e sensibilizar os profissionais da saúde para a aplicação de

Conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre as escalas de avaliação da dor em pediatria | SANTOS, A. C. A.; MELO, G. C. S.; INÁCIO, M. S.; NASCIMENTO, G. C.; MENEZES, M. G. V.; SANTOS, A. F.; MACHADO, R. R.

escalas adequadas para a avaliação da dor infantil, além da produção de novos estudos que demonstrem a utilização das escalas de avaliação de dor e a opinião dos profissionais sobre o uso delas visando ampliar o conhecimento acerca desse método.

REFERÊNCIAS

- ALVES, V. S. et al. Conhecimento de profissionais da enfermagem sobre fatores que agravam e aliviam a dor oncológica. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.57, n.2, p.199-206, 2011.
- BOTTEGA, F. H.; FONTANA, R. T. A dor como quinto sinal vital: utilização da escala de avaliação por enfermeiros de um hospital geral. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.19, n.2, p.283-290, 2010.
- CAETANO, E. A. et al. O recém-nascido com dor: Atuação da equipe de enfermagem. **Escola de Anna Nery**, v.17, n.3, p.439-445, 2013.
- COSTA, B. C. et al. Aplicação da escala de dor em pediatria: Relato de experiência. **Revista Cuidado em Enfermagem**. Cachoeirinha/RS, v.2, n. 2, p. 27-35, 2016.
- INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR STUDY OF PAIN (IASP). Consensus development conference statement: the integrated approach to the management of pain. **Journal Emergency Medicine**, v.6, n.3, p. 491-492, 1994.
- GONCALVES, B. et al. O cuidado da criança com dor internada em uma unidade de emergência e urgência pediátrica. **Revista Dor**, v.14, n.3, p.179-183, 2013.
- KANAI, K. Y.; FIDELIS, W. M. Z. Conhecimento e percepção da equipe de enfermagem em relação à dor na criança internada. **Revista Dor**. São Paulo, v.11, n.1, p.20-22, 2010.
- LE MOS, S. Dor em pediatria: fisiopatologia, avaliação e tratamento. **Revista Saúde e Pesquisa**, v.3, n.3, p.371-378, 2010.
- LINHARES, M.B.M. et al. Pediatric pain: prevalence, assessment, and management in a teaching hospital. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, v.45, n. 12, p.1287-1294, 2012.
- MONFRIM, X. M. et al. Escala de avaliação da dor: percepção dos enfermeiros em uma unidade de terapia intensiva neonatal. **Revista Enfermagem UFSM**, v.5, n.1, p.12-22, 2015.
- NASCIMENTO, L. A. et al. Manuseio da dor: Avaliação das práticas utilizadas por profissionais assistenciais de hospital público secundário. **Revista Dor**. São Paulo, v.17, n.2, p.76-80, 2016.
- OLIVEIRA, R. M. et al. Dor e analgesia pós-operatória: análise dos registros em prontuários. **Revista Dor**. São Paulo, v.14, n.4, p.251-255, 2013.

Conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre as escalas de avaliação da dor em pediatria | SANTOS, A. C. A.; MELO, G. C. S.; INÁCIO, M. S.; NASCIMENTO, G. C.; MENEZES, M. G. V.; SANTOS, A. F.; MACHADO, R. R.

PONTES, G.M.L. **Avaliação e controlo da dor aguda em pediatria revisão bibliográfica.** Dissertação do Mestrado Integrado em Medicina. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar Universidade do Porto. 2014.

RIBEIRO, M. C. O. et al. Prevalência de dor no pós operatório de craniotomia eletiva. **Arquivo brasileiro de neurocirurgia.** v 31, n 3, p 124-127, 2012.

SILVA, M. E. A. et al. Atitudes de profissionais de enfermagem frente à dor do paciente com ferida operatória. **Revista de enfermagem da UEPE on line.** Recife, v.7, n.7, p.4641-4647, 2013.